

Doença coronária mata bem mais que câncer no seio

Entre as mulheres norte-americanas, as doenças coronárias são a principal causa de morte. O derrame, outro resultado letal de vasos sanguíneos obstruídos, é a causa número três. As mortes decorrentes de doenças cardiovasculares representam metade de todas as mortes entre mulheres. Metade dos norte-americanos que morrem de doenças cardíacas são mulheres. Segundo a American Heart Association, as doenças cardíacas matam cerca de 240 mil mulheres a cada ano e os derrames outras 88 mil. Mas pergunte a qualquer mulher do que ela provavelmente morrerá, e ela responderá: de câncer no seio — mesmo que os ataques do coração matem seis vezes mais mulheres do que o câncer no seio, segundo a American Heart Association.

“A imagem comum do câncer é a de uma doença que leva a uma morte demorada, dolorosa e desfigurante, razão do medo que as mulheres sentem”, diz a dra. Elizabeth Barrett-Connor, chefe de medicina preventiva e familiar na Universidade da Califórnia em San Diego. “E a imagem da doença cardíaca é que ela mata rapidamente, quando você estiver fazendo alguma coisa da qual gosta muito — o que parece ser uma forma muito boa de morrer.”

O que as pessoas não percebem é que, com muita frequência, principalmente em mulheres, um ataque cardíaco é seguido de complicações

A MULHER CARDÍACA SE ENCAIXA EM PERFIL DIFERENTE, QUANDO COMPARADA AO PACIENTE HOMEM

crônicas, dolorosas e uma morte sufocante. E enquanto a possibilidade de uma mulher vir a morrer de câncer no seio é muito alardeada e a que atemoriza uma entre cada nove mulheres (para uma expectativa de vida de 85 anos), o risco de morrer de uma doença coronariana é a alarmante e menos conhecido.

“Temos dirigido mensagens sobre fatores de risco e mudanças de estilo de vida para homens de meia-idade e, portanto, as taxas de morte estão caindo”, diz a dra. Elizabeth Ross, cardiologista e chefe da comissão sobre mulheres e doenças cardíacas da American Heart Association, em Washington. “Mas muitas mulheres, mesmo as mais sensatas, não percebem que as doenças cardíacas são um problema seu, também.”

As mulheres têm a mesma probabilidade de serem pacientes cardíacas que os homens, mas elas em geral se encaixam em um perfil diferente — são mais idosas, mais doentes e com menor possibilidade de recuperação. As mulheres também têm taxas mais altas de diabetes e hipertensão do que os pacientes cardíacos homens. E, quando elas finalmente conseguem a atenção de um médico, acabam sendo tratadas de forma muito diferente da dos homens que têm sintomas semelhantes. Alguns estudos mostram que as mulheres têm uma probabilidade menor de receber medicamentos no setor de emergência, que poderiam reduzir o dano muscular causado por um ataque cardíaco. Têm uma probabilidade menor de serem transferidas para hospitais universitários de primeira linha para um tratamento mais agressivo e menor probabilidade também de receber tratamentos invasivos tais como a angioplastia (procedimento pelo qual um pequeno balão é introduzido em uma artéria estreita, para dilatá-la) e cirurgia de marca-passo. E sem que isso surpreenda, quando elas são finalmente operadas, têm muito mais probabilidade de vir a morrer. Se elas se recuperam de um ataque cardíaco, têm maior probabilidade de desenvolver uma insuficiência cardíaca congestiva ou ter um segundo ataque.

Será que o coração das mulheres é diferente ou elas são tratadas de outra forma? Será que os médicos têm uma abordagem sexista no tratamento de mulheres com problemas cardíacos ou será que há uma diferença biológica com base no sexo, na própria doença? (R.M.H.)